



LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: AVALIANDO E REAVALIANDO PERSPECTIVAS

Mariana Gomes*
Rafael Mocarzel**

RESUMO

Este estudo em formato de ensaio tem como objetivo trazer atualizações e novas reflexões sobre o pouco uso das Lutas, Artes Marciais e Esportes de combate na educação física escolar brasileira. Hoje, essas modalidades são parte integrante do currículo escolar da área da educação física. Contudo, observa-se resistência de seus usos nas aulas. Identificou-se que os principais argumentos para o não uso das modalidades são preconceitos sobre as modalidades por parte dos próprios profissionais de educação física, que não se sentem seguros para ministrar seus fundamentos técnicos.

Palavras-chave: Sociologia do esporte; Educação física escolar; Atuação profissional; Currículo escolar.

FIGHTS, MARTIAL ARTS AND COMBAT SPORTS IN BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION:
EVALUATING AND REEVALUATING PERSPECTIVES

ABSTRACT

This study in essay format aims to bring updates and new reflections on the little use of fights, martial arts and combat sports in Brazilian school physical education. Today, these modalities are an integral part of the school curriculum in the area of physical education. However, resistance to its uses in classes is observed. It was identified that the main arguments for not using the modalities are prejudices about the modalities on the part of physical education professionals themselves, who do not feel safe to teach technical foundations.

Keywords: Sociology of sport School physical education; Professional performance; School curriculum.

LUCHAS, ARTES MARCIALES Y DEPORTES DE COMBATE
EN LA EDUCACIÓN FÍSICA BRASILEÑA:
PERSPECTIVAS DE EVALUACIÓN Y REEVALUACIÓN

RESUMEN

Este estudio en formato de ensayo tiene como objetivo traer actualizaciones y nuevas reflexiones sobre el poco uso de las luchas, artes marciales y los deportes de combate en la educación física escolar brasileña. Hoy, estas modalidades son parte integral del currículo escolar en el área de la educación

* Doutora pela Faculdade de Educação Física da Unicamp. Docente Unicamp. E-mail: gomesmsp@unicamp.br

** Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal). Professor adjunto da Universidade de Vassouras. E-mail: Professormocarzel@gmail.com

física. Sin embargo, se observa resistencia a sus usos en las clases. Se identificó que los principales argumentos para no utilizar las modalidades son los prejuicios sobre las modalidades por parte de los propios profesionales de la educación física, quienes no se sienten seguros para enseñar los fundamentos técnicos.

Palabras clave: Sociología del deporte; Educación física escolar; Actuación profesional; Currículum escolar.

INTRODUÇÃO

No ano de 2013, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) apoiou a publicação de um livro organizado intitulado “Complexidade da educação física escolar” (OSBORNE; SILVA; SANTOS, 2013). Dentre os seus treze capítulos com temas diversos, três deles abordavam temáticas envolvendo as Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate (LAMEC) voltadas para a educação física escolar (EFE). Em um desses capítulos, foi realizada uma pesquisa histórica e observacional em que foram apontados diversos aspectos socioculturais que por sua vez definiam, por assim dizer, os motivos das LAMEC serem pouco utilizadas no universo da EFE brasileira (MOCARZEL; MURAD, 2013). Tal texto trouxe significativas reflexões sobre a temática, discutindo e gerando importantes repercussões ao cenário acadêmico brasileiro da época.

O intuito geral deste ensaio é trazer atualizações e novas reflexões sobre a referida discussão iniciada há dez anos. Assim, este texto se constitui como de natureza qualitativa. Esclarece-se que se optou aqui pelo formato de ensaio, pois possui maior liberdade em relação ao molde metodológico tradicional de escrita, não dispensando o rigor acadêmico (SEVERINO, 2000). Nessa guisa, de forma mais específica, este trabalho busca ainda lançar luzes e refletir sobre os motivos pelos quais muitos professores de Educação Física (EF) não fazem uso das LAMEC em suas aulas na EFE brasileira.

Para isso, optamos por conceituar as LAMEC como um campo de estudos, trazendo aportes atuais sobre significados e abordagens e, em seguida, refletimos sobre os possíveis encaminhamentos dessas reflexões para legitimar concretamente as LAMEC dentro da EFE.

CONCEPÇÕES INICIAIS SOBRE LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE

Pensar na trajetória das LAMEC no mundo é ser levado a construir uma linha do tempo, como se o tempo pudesse ser apenas linear e não circular como o próprio mundo. A África, popularmente apontada como berço da civilização humana, é pouco citada nas referências

sobre o período anterior a Cristo, mas registros como o da tumba do Egípcio Beni Hassan de 2000 a. C. já mostravam práticas de combates desenhadas numa “sequência técnica” (ESPARTERO, 1999).

Piernavieja (1973) e Weule (1974) *apud* Espartero (1999) afirmam que as Lutas são tão antigas quanto a guerra e que seu surgimento coincide com a aparição do homem na Terra. Dessa forma, se pensarmos nos diferentes pontos geográficos de inícios de civilizações, certamente haverá registros de práticas que nos remetem às Lutas corporais e/ou armadas, quando estas começaram também a ser desenvolvidas.

A divisão convencional do mundo em dois polos (Oriente e Ocidente) facilitou, até certo ponto, uma organização histórica e cultural amplamente generalizada da evolução das LAMEC, porém provavelmente mascarou (e aos nossos olhos ainda mascara) marcos importantes da história, que acabam se constituindo a partir de pontos de vista muito distintos e, por vezes, distorcidos. Antunes (2015), revisitando a história das LAMEC, destaca como a história contada pelos mestres nas academias, assim como os livros e manuscritos de traduções da tradução podem gerar mitos e lendas sobre a evolução das LAMEC como campo de estudos.

Correia (2015, p. 57) ressaltou como o nome “Oriente” se tornou um objeto de consumo romantizado que mistura religião, filosofia e tradições muitas vezes usadas “(...) sem escrúpulos” pelo senso comum para se referir às práticas de LAMEC.

Bowman (2017) se referiu ao campo das LAMEC como carente de estudos acadêmicos que investiguem a área criticamente, para ele, faltam estudos sobre Artes Marciais e “sobram” estudos de outras linhas de pesquisa que utilizam modalidades LAMEC específicas como objeto de estudo. Richard Burton, no século XIX, e, mais adiante, Donn Draeger desenvolveram o termo Hoplologia¹, que foi definido como a ciência das armas de ataque e defesa (DRAEGER, 1982) e que fazia o estudo dos padrões, relações e significados do comportamento combativo em todos os níveis de complexidade social. Bowman (2017) não nega as contribuições dos estudos de Draeger, mas, de certa forma, tenta mostrar que nunca existiu significância acadêmica para o termo (área inventada). “Não foi uma disciplina, um campo de estudo ou uma área de debate interdisciplinar” (BOWMAN, 2015, p. 9). Segundo o autor, Draeger sempre quis que a Hoplologia chegasse às universidades, mas isso nunca aconteceu.

¹ Segundo Draeger (1982), a Hoplologia tinha três pilares:

1) A base do comportamento combativo está enraizada na nossa evolução

2) Existem duas formas de comportamento combativo: a) Predatória (caçando animais); b) Afetiva (agressiva/combativa na evolução como grupo social)

3) A evolução do comportamento combativo humano só é integral com o uso de armas.

Wetzler (2015) e Bowman (2017) reforçam a necessidade de irmos além da terminologia e utilizam o termo Artes Marciais para desdobrá-lo em dimensões que expressam a pluralidade de manifestações desse campo de estudos. Para Wetzler (2015, p. 26), as 5 dimensões de significado das Artes Marciais são:

- Dimensão 1: Preparação para conflitos violentos (civis, militares) com o objetivo de proteger a integridade do indivíduo;
- Dimensão 2: Jogo e esportes competitivos, com regras, sem intenção de “destruir” a integridade do outro;
- Dimensão 3: Performance, demonstrações com o propósito de entretenimento para uma audiência;
- Dimensão 4: Objetivos transcendentais, conexões espirituais e filosóficas, inclui formas pedagógicas de educar o caráter dos praticantes, relaciona-se com os valores éticos e códigos morais, clássicos às Artes Marciais;
- Dimensão 5: Cuidado com a saúde, uso da Arte Marcial como profilática para doenças físicas, psicológicas etc.

Quando nos referimos à dimensão 2 ou 3, por exemplo, estamos nos referindo principalmente aos Esportes de Combate, como se esses estivessem ligados mais exclusivamente à competição regulamentada por alguma instituição. Na escola, por outro lado, todas as dimensões, exceto a 1, poderiam ser exploradas e de alguma forma contemplariam as competências e objetivos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), quando falamos dos códigos, características básicas, saúde, fruição através do jogo e atividades de oposição.

Theebom e Knop (1999) já apontavam elementos das diferentes dimensões, na tentativa de sugerir uma abordagem de ensino para as LAMEC no contexto escolar, refletindo que limitar a um estilo apenas poderia ser um erro e citando a estética, o relaxamento, a resolução de problemas, meditação e consciência corporal como benefícios para os alunos na escola.

Gomes *et al.* (2010), em sua proposta de encontrar princípios comuns às modalidades de LAMEC, descreve os princípios condicionais das Lutas, características que representam a dinâmica e lógica dos combates e são possíveis de serem desenvolvidas por professores de EF independentemente de sua formação em LAMEC. Essa ideia se conecta com as propostas de Terrisse *et al.* (1995), Avelar-Rosa *et al.* (2015), Gomes (2023), no que se refere ao ensino do saber lutar, um saber proveniente do combate, que reside na intenção tática dos lutadores e que o professor regula por meio da cooperação e/ou oposição entre os pares.

Rufino e Darido (2012) nesse caminho propõem aspectos norteadores para o ensino das Lutas na escola, refletindo sobre as dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais. Logo, os autores refletem sobre o porquê ensinar as Lutas corporais, o que ensinar, como ensiná-las e como avaliá-las. Nesse caso, todas as dimensões de Wetzler (2015) podem ser

visitadas para o desenvolvimento de uma proposta crítica que suscita pensamento e análise dos alunos.

Cirino, Pereira e Scaglia (2013), Gomes e Fabiani (2021) e Gomes, Scarazzato e Fabiani (2023), por outro lado, debruçaram-se em propostas mais concretas para o ensino das LAMEC na escola, apresentando possíveis esboços de currículos para diferentes segmentos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, também em conexão com as diferentes dimensões de Wetzler (2015).

O olhar da Luta, a partir do jogo, como proposto por Cirino, Pereira e Scaglia (2013) e Fabiani, Scaglia e Almeida (2016), poderia se relacionar à dimensão 2 de Wetzler (2015), colocando luz na Pedagogia do Esporte e desdobrando esse conhecimento em diversos contextos, para diversos personagens (PAES, 2006).

Jennings (2021) definiu as Artes Marciais como sistemas imaginativos e adaptáveis das técnicas de Luta corporal (física) humanas, criadas para lidar com problemas percebidos num combate ou sociedade. A esportivização das Lutas corporais e Artes Marciais leva à sua popularização, a exemplo temos Boxe, Esgrima, Judô, Taekwondo e Wrestling, que, por serem parte do programa olímpico, já contribuíram e ainda contribuem para a sua disseminação, como trazido por Theebom e Deknop (1999). A disseminação desse saber leva o conhecimento das LAMEC a ser objeto de desejo pelos “consumidores” e as pessoas passam a querer praticá-lo em todos os níveis e contextos. A legitimação dessas práticas acontece nas escolas, clubes e academias, fazendo o ciclo se retroalimentar, quando elas circularmente se tornam objeto de novos estudos dentro da universidade.

AS LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE NA UNIVERSIDADE

“As universidades [...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, propõe o artigo 207 da constituição brasileira de 1988. Moita e Andrade (2009) discutem as articulações, pesos e medidas dados a cada um desses pilares e apontam que muitas vezes as relações duais entre eles podem gerar um enfraquecimento no que fica de fora. No caso das LAMEC, em virtude da ocupação dos três pilares, a articulação entre eles promove o fortalecimento e legitimação da área dentro da universidade de forma holística.

Nesse sentido, a presença das LAMEC na universidade se apresenta como um significativo contribuidor para que esses saberes se legitimem como campo de estudos da ciência. Entretanto, para além da produção científica, as LAMEC adentram as universidades

no processo de formação de recursos humanos, em específico na graduação em EF, e pela oferta em diversos projetos de extensão, muitas vezes não exclusivos dos cursos/departamentos de EF.

Sob uma ótica histórica, é aludido por Alves Junior (2006, p. 3) que a primeira LAMEC inserida no meio da EF no país foi a Esgrima, o que se deu “principalmente dentro das instituições militares e fez parte da formação dos primeiros instrutores de Educação Física”. Já agora sob a prática e ensino das LAMEC em uma Instituição de Ensino Superior (IES), o primeiro caso ocorreu por meio do Decreto-Lei Nº 1.212 (BRASIL, 1939), que instituiu na então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os cursos: a) superior de EF; b) normal de EF; c) Técnica Desportiva, Treinamento e Massagem; e d) Medicina da EF e dos Desportos. Importante ressaltar que todos os referidos cursos possuíam a disciplina “Desportos de Ataque e Defesa”. Não obstante, Alves Junior (2006) novamente traz à luz outro registro histórico do uso de práticas marciais nos cursos superiores brasileiros de EF, mesmo que inicialmente dessem foco à EFE.

Quando observamos os diversos programas que foram introduzidos na Universidade do Brasil, chama atenção sua ementa datada de 1941, neste momento o ensino das lutas estava incluído no currículo da instituição, sendo abordado na forma de uma cátedra denominada Desportos de Ataque e Defesa. Nela eram trabalhados tanto o Boxe, Jiu-jitsu, Lutas Olímpicas e a Esgrima. Os objetivos registrados visavam o ensino de uma defesa pessoal através de técnicas e também uma nítida preocupação com o esporte competitivo. A ementa do professor Alberto Latorre de Faria (1941) sugeria como pontos principais a serem tratados pela disciplina: execução correta de todos os golpes da defesa pessoal; capacidade para ministrar, o ensino da defesa pessoal, do Jiu jitsu, do Boxe internacional, da Luta livre e rudimentos de Esgrima; capacidade para servir como árbitro, jurado ou vogal em competições desportivas de Boxe, Jiu jitsu, Luta livre e Esgrima; prática moderada dos desportos de ataque e defesa (ALVES JUNIOR, 2006, p. 5).

Contudo, já sob uma ótica sociocultural, Murad (2009) destaca que a primeira inserção das LAMEC em um centro de ensino superior no Brasil ocorreu por meio da iniciativa do então reitor da outrora chamada Universidade do Estado da Guanabara (UEG), hoje conhecida como Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor João Lyra Filho, um reconhecido pensador brasileiro, profundo conhecedor dos campos da psicologia, advocacia e sociologia esportiva, sendo talvez um dos pioneiros no Brasil nas respectivas áreas. Foi ele que, em seu período de liderança na referida IES, introduziu, ao início da década de 50 do século XX, o primeiro curso de capoeiragem em uma universidade brasileira, tendo o curso a marca de mais de 500 alunos e dentre esses 100 eram mulheres.

Em um contexto mais atual, Franchini e Del Vecchio (2011), ao discorrerem sobre o estado da arte das LAMEC, apontaram que a maior parte dos estudos até a data do artigo se concentravam em preparação física, orientação técnico-tática e organização e gestão das diferentes modalidades. Gomes e Avelar-Rosa (2012), em estudo que comparou as cadeiras relativas à LAMEC no Brasil, Espanha, França e Portugal, apontaram que, no Brasil, aproximadamente 91% das universidades públicas² possuem ao menos uma disciplina relacionada à LAMEC. Na Espanha, cerca de 80% das instituições apresentaram uma disciplina relacionada à LAMEC. Já na França, todas as instituições observadas possuíam pelo menos uma disciplina. Por fim, Portugal, na época em que foi analisado, tinha apenas cerca de 45% das instituições com alguma disciplina relacionada à LAMEC (GOMES; AVELAR-ROSA, 2012).

No Brasil, cerca de 40% das universidades públicas oferecem uma disciplina de abordagem geral (sem ser uma modalidade específica), enquanto na França, o Judô é a LAMEC que mais aparece nos cursos de graduação em EF. O mesmo se repete com a Espanha e Portugal. Em ambos os países o Judô é a modalidade mais representativa nos cursos superiores (GOMES; AVELAR-ROSA, 2012). Podemos atrelar esses resultados à história e à perpetuação do Judô no mundo, assim como à sua esportivização, presença nos Jogos olímpicos/paralímpicos e consistência em relação a seus órgãos de gestão esportiva (Federação Internacional de Judô e Confederações).

Gomes (2014) apontou alguns estudos que relatam observações de ementas e planos de ensinos de algumas IES do Brasil, tais como Trusz e Nunes (2007), Antunes (2009), Andrade Neto (2012), Gomes e Avelar (2012), sugerindo que os conteúdos ensinados ainda variam de acordo com o conhecimento prático ou história pessoal dos docentes e não necessariamente preparam os alunos para o encontro com as LAMEC no contexto profissional.

Antunes (2009), ao estudar as ementas de disciplinas de Lutas em cursos superiores de Educação Física de algumas IES do Rio de Janeiro, constatou que o conteúdo dos cursos tem cunho predominantemente técnico, abordando uma metodologia de ensino tecnicista, pautada nas habilidades de cada professor, desconsiderando valores éticos, filosóficos e disciplinares das Artes Marciais. Da mesma forma, Andrade Neto (2012), quando analisou a disciplina “Luta” na Universidade do Estado do Mato Grosso, apontou que o conteúdo do curso também depende das habilidades dos docentes e cada um ensina aquilo que domina tecnicamente, deixando de lado as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ou da BNCC, por exemplo.

² Os dados do estudo eram referentes apenas aos cursos de educação física/esportes em universidades públicas.

Gomes e Avelar (2012), quando analisaram a ementa e o currículo de 24 cursos de licenciatura em EF em universidades públicas brasileiras, constataram que, desse total, 22 possuíam alguma disciplina de LAMEC. Foram encontradas 49 disciplinas no total, sendo 21 de abordagem geral (definidas como “Fundamentos das Lutas”, “Metodologia dos Esportes de Combate”, “Teoria e Prática das Lutas”, entre outras) e as outras de alguma modalidade de LAMEC específica, sendo a Capoeira e o Judô as mais recorrentes, nessa ordem respectivamente (GOMES; AVELAR, 2012).

Como apontado no trabalho de Correia e Franchini (2010, p. 1), que analisaram publicações em diversos periódicos científicos brasileiros na área da EF entre os anos de 1998 e 2008, percebemos naquela época uma baixa produção acadêmica.

Dos 2561 artigos publicados nesses periódicos, apenas 75 (2,93%) tratavam de Lutas/Artes Marciais/Modalidades Esportivas de Combate. (...) Esses dados indicam: (1) carência de publicações sobre essas atividades, especialmente as de caráter aplicado; (2) necessidade de investimento em pesquisas inter e multidisciplinares sobre essa temática.

Ainda analisando o meio acadêmico e científico brasileiro atual em relação às LAMEC, foi realizada uma rápida busca nos bancos de dados do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Ali, em setembro de 2022, foram encontrados 28 núcleos/grupos de pesquisa que abarcam como uma de suas principais temáticas as LAMEC. Quantitativo esse bem diferente de 10 anos atrás quando havia apenas 6 núcleos/grupos. Já em relação a eventos científicos, hoje, o Brasil organiza e realiza alguns dos maiores eventos do mundo sobre a temática. Como exemplos relevantes, destacam-se aqui o Simpósio Nacional de Lutas de organização do professor Leandro Paiva e o Encontro Nacional de Artes Marciais e Esportes de Combate (ENAMEC) de organização do professor Fabrício Boscolo Del Vecchio. Vê-se ainda como de grande relevância aqui ressaltar que o Brasil prevaleceu quantitativamente em âmbito mundial nas publicações acadêmicas sobre as LAMEC no intervalo de 2016 a 2021.

Não obstante, no mesmo período, dentre os dez profissionais que mais publicaram sobre a temática no mundo, sete são brasileiros, são eles: Emerson Franchini, Bianca Miarka, Daniele Detanico, Ciro José Brito, Rafael Lima Kons, Fabrício Boscolo Del Vecchio e Ursula Ferreira Júlio. Interessante aqui ressaltar que tais autores publicam majoritariamente no campo biológico da EF (biomecânica, bioquímica, fisiologia, treinamento desportivo e afins). Poder-se-iam ainda ser citados diversos outros pesquisadores nacionais de indiscutível valor indelével às comunidades científica, desportiva, acadêmica e marcial. Somando-se a tal viés

de consolidação popular das LAMEC na sociedade brasileira, existem diversos projetos sociais que fazem uso das práticas marciais como meios e ferramentas-chave para a reabilitação social. Exemplos disso são: o projeto Reação, com o judoca medalhista olímpico Flávio Canto (SOARES, 2007), os projetos Boxe Vidigal e Irmãos Nogueira, este último com os lutadores de Boxe, JJB e MMA Rodrigo e Rogério Nogueira (SILVA, 2011).

Alves Junior (2006, p. 6) discorre, de forma reflexiva, sobre possíveis pontos contraproducentes para o uso das práticas marciais na EFE brasileira.

Alguns fatores poderiam servir como indicativos para justificar a dificuldade de incluirmos as lutas na educação física escolar: falta de equipamento específico como sala apropriada; necessidade de roupa; necessidade de um conhecimento mais aprofundado de técnicas específicas de uma determinada modalidade; o mito do faixa preta e do mestre de capoeira; a grande diversidade de modalidades que não procuram encontrar os seus pontos convergentes, as heterogeneidades dos conhecimentos na escola, [onde] muitos alunos já chegam com conhecimentos adquiridos no ambiente não formal; a diversidade de interesses entre alunos e alunas; o estigma de ser uma atividade violenta e que poderia estimular a agressividade, extrapolando a violência a outros ambientes; o receio do professor sofrer críticas por utilizar uma atividade que não domina muitas técnicas.

Porém, aparentemente diferente do Brasil, Ferreira e Menezes (2013) indicam que, no Japão, o Judô é uma modalidade frequentemente vista não só em escolas, mas também em universidades, pois sua prática vai além de ser apenas uma atividade física para promoção da saúde, sendo também transmissora fiel do legado cultural do país e de um comportamento bem visto pelo povo nipônico. É de se observar que esse fato segue o mesmo ideário do já relatado uso do Kung-Fu na EFE chinesa. Portanto, as adversidades relatadas acima são atenuadas nesses dois países.

É possível perceber que os apontamentos anteriores vão ao encontro de um dos focos atuais do Conselho Federal de Educação Física (CONFED, 2011a): capacitar os profissionais de EF para o combate à violência sob o foco educacional. Então, por que não fazer uso das práticas marciais na EFE, utilizando todos os seus ensinamentos culturais e educadores? Ao que indicam os apontamentos desta revisão reflexiva, a resposta se encontra na insegurança e desconhecimento dos professores brasileiros de EF, que se mostram resistentes em fazer uso das práticas marciais.

Hodiernamente, faz-se insofismável a premente necessidade de repensar e mesmo reformular a educação humana em suas múltiplas esferas (MORIN, 2014). E claro, refletir e discutir a EF, principalmente no cenário escolar, não se faz diferente, afinal, “A Educação Física é um meio da Educação” (DARIDO, 2003, p. 2). Durante décadas, o progressivo processo

de transformação sociocultural ocorrido no Brasil propiciou também diversas mudanças no campo educacional brasileiro, onde se inclui a EF (MURAD, 2009). De forma a nortear as experiências e práticas da EFE brasileira, o Ministério da Educação, outrora por meio dos PCN (BRASIL, 1998) e agora por meio da BNCC (BRASIL, 2018), recomendou a utilização da ludicidade e competitividade sadia dentro dos programas curriculares da EFE, de modo que a formação de crianças e jovens na escola seja adequada, pedagogicamente satisfatória e plural: “Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2018, p. 213). Ali, aponta-se que as crianças e jovens devem ter experiências e fruições através da prática de brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, práticas corporais de aventura e claro, LAMEC.

Mais especificamente sobre as LAMEC, é esclarecido por Mocarzel e Columá (2020) que, na Ásia, em uma visão mais *lato* e alargada, suas práticas acontecem massivamente para além do contexto escolar com ampla representatividade cultural. Por exemplo, a China, desde 1925, tem oficialmente em seu currículo escolar a prática de *Kung-Fu* como parte integrante do caráter educacional infanto-juvenil (LIMA, 2000). Em contrapartida, no Ocidente, a incorporação das LAMEC na escola é relativamente recente e pouco difundida na rede escolar sob uma ótica proporcional. O caso brasileiro não foge à regra (FERREIRA, 2005; ALVES JUNIOR, 2006; GOMES, 2008; RUFINO; DARIDO, 2015). A Capoeira, por exemplo, apesar de não ser consolidada na educação básica brasileira, possui um histórico de tentativas mal sucedidas de consolidá-la como conteúdo obrigatório na formação do cidadão brasileiro.

Curiosamente, na contramão do fato alertado acima, pode-se afirmar que o Brasil hoje se perfaz como uma relevante nação no cenário marcial, tanto em âmbito esportivo, quanto também em âmbitos culturais e acadêmicos (MOCARZEL; COLUMÁ, 2020). Mesmo assim, a realidade de inserção das LAMEC no universo escolar dentro das aulas de EFE ainda se faz incipiente (GONÇALVES JR.; DRIGO, 2001; FERREIRA, 2005; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; GOMES, 2008; RUFINO, DARIDO, 2015) e em uma trajetória de crescimento. De forma mais incisiva, Vertonghen (2010) afirma que tal fato ocorre no Ocidente em geral devido à crença que as LAMEC estimulam a violência nos praticantes, algo já largamente esclarecido pelo meio acadêmico que recai sob a ótica de crenças ignorantes e preconceituosas.

Não obstante, Franchini e Del Vechio (2013), Mocarzel e Murad (2013) e Gomes e Fabiani (2021) somam a isso o fato do desconhecimento das LAMEC pelos professores de EF dos colégios. Já Ferreira e Menezes (2013), buscando ir além, afirmam que, no Brasil, o profissional de EF apresenta significativo preconceito com as LAMEC, tendo certa resistência

até mesmo para seu aprendizado durante o ensino superior. Sendo assim, retoma-se aqui o questionamento fulcral do estudo: quais as razões para que profissionais de EF não utilizem LAMEC nas aulas de EFE no Brasil?

AS LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A influência das LAMEC na cultura brasileira já ocorre há tempos, ora mais nucleada em certas regiões e povos, ora mais alargada em diferentes localidades país afora. Alguns exemplos podem ser facilmente expostos. Em um formato mais centrado, é conhecida desde o século XIX a tradicional prática da Huka-Huka pelos povos indígenas do Xingú na região central do país (COSTA, 2013; PAIVA; ALBERTI, 2021; PEREIRA; SOUZA, 2021; VALENTE *et al.*, 2022). Ainda nessa perspectiva, a Agarrada Marajoara, prática também já secular, tem sua origem e principal ponto de difusão no arquipélago do Marajó ao extremo norte do país (SANTOS; FREITAS, 2018; SANTOS; GOMES; FREITAS, 2020). Já em um formato mais alargado, a Esgrima foi majoritariamente mais difundida no país através da prática de militares, influenciados pelas tropas francesas no Rio de Janeiro da *Belle Époque* ao fim do século XIX (MOCARZEL; COLUMÁ, 2020). Não obstante, a Capoeira foi amplamente praticada pela população afrodescendente no país, tendo grande difusão nas cidades de Recife, Rio de Janeiro e Salvador desde o início do século XIX e posteriormente se espalhou por todo o país (ARAÚJO; JAQUEIRA; LIMA, 2011; REIS *et al.*, 2021). Por sua vez, quando elevada uma LAMEC de origem oriental, destaca-se tanto a chegada do Jiu-Jitsu quanto do Judô na 1ª década do século XX (SANTOS, 2019).

Destarte, as LAMEC se difundiram pelo Brasil ao decorrer do séc. XX e, progressivamente, foi sendo instaurada uma espécie de “cultura marcial” no país, com várias LAMEC sendo introduzidas progressivamente na cultura da população brasileira. Interessante observar que muitas das LAMEC advieram ao país por conta das diversas ondas migratórias ocorridas no Brasil. Outras já foram trazidas por praticantes que retornavam de viagens com novos conhecimentos marciais. Podemos citar aqui mais alguns exemplos conhecidos, tais como: o Karate, em 1951 (SCIASCIO, 2019), o Kung-Fu, em 1959 (OLIVEIRA, 2006), o Taekwondo, em 1970 (MARTA, 2004) e o Muay Thai, em 1979 (MÜLLER JÚNIOR; VARGAS; CAPRARO, 2021).

No que tange o período de transição entre o século XX para o XXI, as mídias tradicional e digital passaram a ser importantíssimos meios de difusão e divulgação das LAMEC.

Reforçando o impacto do aspecto midiático e como isso pode proporcionar transformações na sociedade, destaca-se aqui o caso de sucesso do *Ultimate Fighting Championship* (UFC), primeiro evento de Vale-Tudo criado por Rorion Gracie (brasileiro oriundo do JJB) e Arthur Davie (publicitário americano), organizado em 12 de novembro de 1993. Indubitavelmente, através de tal evento com forte clamor midiático, as LAMEC ganharam enorme destaque no Brasil e no mundo, sociologicamente perfazendo uma cultura do espetáculo no universo marcial (BRISOLA; LAINO; MOCARZEL, 2021).

Sob uma ótica cultural geral, o Brasil hoje é um “celeiro desportivo-marcial”, considerado um dos principais países no que tange a difusão das LAMEC, tanto em caráter desportivo quanto marcial. Como exemplos de tal pensamento, destacam-se: campeões internacionais brasileiros em várias LAMEC estrangeiras (como Judô, Kung-Fu, Karatê, Sumô e Taekwondo), a grande difusão brasileira do Jiu-Jitsu³ e da Capoeira mundo afora, tendo ainda uma marcante presença quantitativa de brasileiros entre treinadores das forças armadas de várias nações ao redor do globo (MOCARZEL, 2011). Nessa guisa, é pontuado por Vieira (2006) que a Capoeira, além de ser a LAMEC mais difundida no Brasil, tem ainda uma posição singular, integrando o *ethos* brasileiro, tendo, em território nacional, mais de seis milhões de adeptos no país e, ainda, sendo tombada como bem ou patrimônio imaterial do Brasil (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN) e do estado do Rio de Janeiro. Outrossim, a Capoeira é símbolo histórico das lutas sociais, bem como representa uma expressão coletiva de nossas linguagens corporais e é considerada uma das maiores difusoras da cultura brasileira e da língua portuguesa no mundo (SOUZA, 2011).

Em que pese tudo isso, pouco foi visto sobre LAMEC dentro das escolas e colégios no Brasil em um âmbito prático. Inúmeros trabalhos, publicações e artigos já foram estruturados sobre essa temática. Mesmo assim, a aplicação prática da teoria estudada (*práxis*), ainda não é uma realidade na grande maioria das aulas de EFE no país. Seguindo uma das dimensões de Wetzler (2015), mais especificamente a 3ª, que, por sua vez, faz alusão ao entretenimento, nota-se que os heróis da chamada “cultura *pop*”, presentes em filmes, seriados, videogames e gibis, são comumente vistos como praticantes de LAMEC, buscando, através de tais práticas, o caminho do conhecimento, autocontrole e a superação de provações (SOARES, 2020). Dessa forma, percebe-se que as LAMEC podem ser utilizadas como ferramentas

³ A prática do Jiu-Jitsu no Brasil ganhou grandes desdobramentos. Progressivamente, praticantes brasileiros criaram significativas adaptações, sendo muito bem sucedidos em eventos e em formações de defesa pessoal. Por tal fato, deu-se início o uso da expressão Jiu-Jitsu Brasileiro (JJB), para assim representar a vertente transmutada desenvolvida por brasileiros no Brasil (SANTOS, 2019; MOCARZEL; COLUMÁ, 2020).

socioeducativas, por meio de associações com tais heróis, já que é possível resgatar conhecimentos prévios dos alunos, referentes às LAMEC, assim como fazer menções a comportamentos e personagens.

Mesmo com os problemas citados, as LAMEC continuam a se difundir e a se desenvolver. Atualmente, tais práticas possuem boa aceitação e inserção em comunidades, clubes, academias e em centros universitários pelo país. Sendo assim, acredita-se que as diversas LAMEC possuem sim concordância popular da sociedade brasileira quanto aos seus ensinamentos e didáticas ministradas. Faz-se necessário, portanto, afastar essas modalidades dos preconceitos e ideários de práticas violentas, transgressoras e que se fazem inadequadas, principalmente às crianças e aos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos atuais focos do CONFEF (2011b) é melhorar a formação profissional dos professores de EF. Partindo daí, entende-se como necessária a *práxis* do ensino das práticas marciais na EFE no Brasil. *Práxis* essa tanto recomendada pelo governo brasileiro nos PCN (BRASIL, 1998), na BNCC (BRASIL, 2018) e por centros de ensino fundamental, médio e superior. Acredita-se também que a continuidade e manutenção dos polos de estudos acadêmicos e científicos sobre a referida temática (como grupos de pesquisa, simpósios, congressos, seminários, dentre outros) se fazem mais que necessárias.

Partindo para o ponto de vista do educador, não só é de preocupação profissional, mas de preocupação civil e mesmo humana que seus alunos “moldem” mais que seus corpos; mas sim suas atitudes e comportamentos, sendo talvez um perfeito exemplo do Processo Civilizador de Elias (1994). Esse é um pensamento integrante da cultura das práticas marciais, que busca o amadurecimento de suas condutas e posturas dentro da sociedade, perfazendo novamente o conceito de holismo, visto em várias filosofias orientais presentes, por exemplo, nas Artes Marciais orientais (LIMA, 2000). As diversas filosofias educacionais observadas dentro das práticas marciais colaboram para que possam servir de “ferramenta educacional” em temas de diversas interseções culturais, como filosofia, história, pedagogia, sociologia, ética, saúde, esporte, autodefesa, arte e ecologia⁴. Isso torna essas práticas culturais transdisciplinares e base do espírito olímpico (BROWNELL, 2008).

⁴ “... o tradicional conceito chinês de ‘seres humanos e a natureza como um só’ (*tian ren he yi*) enfatiza a ligação do corpo com o ambiente ao seu redor, uma filosofia que é evidente na medicina tradicional chinesa. Este é um conceito ‘verde’ para o esporte, que poderia fornecer algo à filosofia do olimpismo que carece desse ponto” (BROWNELL, 2008, p. 76-77, tradução nossa).

É de se impressionar como já faz décadas que a EF brasileira possui a inserção das LAMEC no meio acadêmico superior e, mesmo assim, ainda se encontram resistências consideráveis dos profissionais, sendo isso uma ação que vai contra a aceitação popular, que é bem grande. Talvez, seja exatamente esse o maior problema hoje sobre a temática no Brasil: a resistência e um certo olhar de preconceito para com as LAMEC dos próprios profissionais de EF.

Por fim, espera-se que os diversos valores transmitidos pelos mestres de LAMEC recebam maior relevância e reconhecimento no mundo ocidental, incluindo aqui a sociedade brasileira. Que a EF consiga transformar e pedagogizar esses conhecimentos e, ainda sim, que as referidas nobres práticas possam ter seus aplausos perante toda a sociedade acadêmica e científica brasileira e internacional, pois: “(...) mais do que auxiliar na segurança e/ou na saúde de seus praticantes, essas artes ajudam a gerar uma cultura de respeito, harmonia e paz, algo que, aparentemente, sempre se fez necessário na história da humanidade” (MOCARZEL, 2011, p. 86).

REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. **‘Usos do Passado’** – XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ. 2006.

ANDRADE NETO, João Batista de. A Disciplina “Luta” no Currículo do Curso de Educação Física da Universidade do Estado de Mato Grosso. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. ECS, Sinop/MT, v. 2, n. 2, p. 120-133, jul./dez. 2012.

ANTUNES, Marcelo Moreira. **A relação entre as artes marciais e lutas das academias e as disciplinas de lutas dos cursos de graduação em Educação Física**. Revista digital Lecturas en Educación Física y Deportes. www.efdeportes.com. 2009.

ARAÚJO, Paulo Coelho de; JAQUEIRA, Ana Rosa Fachardo; LIMA, Evandro Ramos. Profiles of practitioners of Capoeira fight during the centuries XIX and XX. **Journal of Martial Arts Anthropology**, v. 11, n. 3, p. 12-19, 2011.

AVELAR-ROSA, Bruno, GOMES, Mariana Simões Pimentel, FIGUEIREDO, Abel. LÓPEZ-ROS, Victor. **“Fighting knowledge” characterization and development: contents of an integrated model for teaching martial arts and combat sports**. Revista de Artes Marciales Asiáticas 10 (1), p. 16-33, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasil, 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física / Secretaria de educação fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998. p. 114.

_____. Senado Federal. Subsecretaria de Informações. **Decreto- Lei Nº 1.212, de 17 de abril de 1939**. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=58. Acesso em: 11 maio 2011.

- BRISOLA, Anna Cristina; LAINO, Vinicius Caruso Monteiro; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. MMA e a conquista do gosto: disputas e seduções midiáticas. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e101101421913, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.21913. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21913>. Acesso em: 4 set. 2022.
- BROWNELL, Susan. **Multiculturalism in the Olympic Movement**. In: **Olympic Studies Reader**. Editores: Hai Ren, Lamartine DaCosta, Ana Miragaya e Niu Jing. Beijing: Beijing Sport University Press, 2008 (volume 1). p. 67-80.
- BOWMAN, Paul. The Definition of Martial Arts Studies. **Martial Arts Studies**, n. 3, 2017. p. 6-23.
- CIRINO, Carolina; PEREIRA, Marcos Paulo Vaz de Campos; SCAGLIA, Alcides. Sistematização dos conteúdos das lutas para o ensino fundamental: uma proposta de ensino pautada nos jogos. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, Edição Especial, n. 9, p. 221-227, 2013
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Capacitando profissionais para o combate à violência. **Revista E.F.**, Rio de Janeiro, n. 39, ano IX, p. 31-32. 2011a.
- _____. Atuando por uma melhor formação profissional. **Revista E.F.**, Rio de Janeiro, n. 39, ano IX, p. 34-36. 2011b.
- CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1 p. 01-09, jan./mar. 2010.
- _____. Artes Marciais e Educação Física: entre inquietudes e obviedades. In: Marcelo Antunes; José Júlio Galvão. (Org.). **Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate na perspectiva da Educação Física: Reflexões e possibilidades**. Curitiba: CRV, 2016. p. 52-62.
- COSTA, Carlos Eduardo. **Ikindene Hekugu**: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu. 2013. 350f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/233>.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DRIGO, Alexandre Jonotta, *et al.* A organização do “campo” das artes marciais e sua estruturação profissional: da “escola de ofício” ao modelo acadêmico das Escolas de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003, Caxambu. 25 anos de história: o percurso do CBCE na educação física brasileira. **Anais...** Caxambu: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.
- ENGELHARD NETO, Rodolpho Fernando; ABRAHIN, Rejane Walessa Pequeno Rodrigues; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. A federalização da Luta Marajoara. In: Rafael Carvalho da Silva Mocarzel (Org.). **Lutas / Artes Marciais / Esportes de Combate em Educação Física**. Curitiba: Appris, 2021. p. 49-58.
- ESPARTERO, Julián. **Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha**. In: VILLAMÓN, M. Introducción al Judo. Barcelona: Editorial hispano Europea S.A., 1999.
- FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar – parte do bloco de conteúdos... na prática ou apenas no papel? ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 5., 2005, Ceará. **Anais...** Ceará: Universidade de Fortaleza, 2005.
- FERREIRA, Wagner Souza; MENEZES, Paulo Fernando de. Potencial educativo e formativo das lutas. In: Renata Osborne; Carlos Alberto Figueiredo da Silva; Roberto Ferreira dos Santos. (Org.). **Complexidade da educação física escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2013. p. 81-87.
- GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

_____. **O Ensino do Saber Lutar na Universidade: Estudo da Didática Clínica nas Lutas e Esportes de Combate.** Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 217 fls. 2014.

_____. **Ensino (e aprendizagem) das Lutas.** Curitiba: Appris, 2023.

_____; AVELAR-ROSA, Bruno. Martial arts and combat sports in physical education and sport sciences degrees – a comparative study of Brazil, France, Portugal, and Spain. 12:1 **INYO (The Journal of Alternative Perspectives on the Martial Arts and Sciences)** <http://ejmas.com>. Winter 2012.

_____; FABIANI, Debora. **Martial Arts Applied at School as Physical Education: Creating a Learner Centered Environment.** Quality Martial Arts Education. ICM Insight Vol. 05. 2021. p. 33-40.

_____; SCARAZATTO, Juliana; FABIANI, Débora. **MarAs aulas de educação física como espaço de ensino-aprendizagem das lutas: uma experiência docente.** Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 36, 2023. DOI: 10.22456/2595-4377.129898.

GONÇALVES JR., Luiz; DRIGO, Alexandre Janota. A já regulamentada profissão educação física e as artes marciais. **Motriz (UNESP)**, Rio Claro, v. 7, n. 2, p. 131-132, 2001.

JENNINGS, G. Martial Arts as Artistic Vehicles for Lifelong Learning. **Quality Martial Arts Education. ICM Insight**, v. 5. 2021. p. 28-32.

LIMA, Luzia Mara Silva. **O Tao da educação – a filosofia oriental na escola ocidental.** São Paulo: Ágora, 2000.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000).** 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. **Artes Marciais e Jovens: violência ou valores educacionais? Um estudo de caso de um estilo de Kung-Fu.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado de Oliveira. 2011.

_____; COLUMA, Jorge Felipe. **Lutas e Artes Marciais: aspectos educacionais, sociais e lúdicos.** 2. ed. Manaus: OMP, 2020.

_____; MURAD, Mauricio. O não uso das lutas na educação física escolar brasileira. In: Renata Osborne; Carlos Alberto Figueiredo da Silva; Roberto Ferreira dos Santos. (Org.). **Complexidade da educação física escolar.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2013, v. 1, p. 70-80.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** Cortez Editora, 2014.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro, ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação.** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41, maio/ago 2009.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; VARGAS, Pauline Iglesias; CAPRARO, André Mendes. A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros. **História Oral, [S. l.]**, v. 24, n. 2, p. 69-88, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i2.1181. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1181>. Acesso em: 7 set. 2022.

MURAD, Mauricio. **Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

NASCIMENTO, Paulo de; ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2007. p. 91-110.

OLIVEIRA, Rafael Orlando de. **“Paidéia à chinesa?”: a formação do indivíduo através da prática do Kung-Fu.** 2006. Monografia (Licenciatura do curso de Educação Física), Universidade Federal do Paraná, 2006.

OSBORNE, Renata; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; SANTOS, Roberto Ferreira dos. (Org.). **Complexidade da educação física escolar.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

PAIVA, Leandro; ALBERTI, Adriano. TRAÇOS DERMATOGLÍFICOS DE INDÍGENAS DO BRASIL CENTRAL E AS LUTAS CORPORAIS TRADICIONAIS. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, v. 2, n. 2, p. 64-75, 2021. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/9360/7200>.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon. Tiago Brandão de. Lutas corporais indígenas: o estado do conhecimento. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335779, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5779. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5779>. Acesso em: 14 nov. 2022.

REIS, Eliane Glória dos; SANTOS, Fabio Rodrigues Alves dos; CANECO, Pablo; SOARES JUNIOR, Agrinaldo José. Os docentes de Capoeira e sua atuação na escola. In: Rafael Carvalho da Silva Mocarzel (Org.). **Lutas / Artes Marciais / Esportes de Combate em Educação Física**. Curitiba: Appris, 2021. p. 75-88.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades**: Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, 2018. DOI: 10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p57. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/19262>.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; GOMES, Ivan Carlo Rego; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará. **Motrivivência**, v. 32, n. 61, 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e65668>.

SANTOS, Marco Antonio Ferreira dos. **O mínimo que você precisa saber sobre a história do Jiu-Jitsu no Brasil: a linha do tempo da implantação do Jiu-Jitsu segundo as evidências e os personagens**. Rio de Janeiro: Marco Ferreira, 2019.

SCIASCIO, Jorge Henrique de Magalhães Sasso. **Contribuições das tecnologias para o karatê brasileiro: aspectos da gênese, escolarização ao Brasil contemporâneo**. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias), Universidade Estadual Paulista, 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Antonio Joaquim Severino. 21. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Manoel Orestes da. **Ações sociais e inclusão na formação de redes dos projetos sociais e esportivos: um estudo de caso do “Boxe Vidigal”**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado de Oliveira. 2011.

SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. **O Instituto Reação: um projeto social aplicado**. 2007. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais). Fundação Getúlio Vargas. 2007.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do herói: A conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, v. 6, n. especial, p. 113-128, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955/17080>.

SOUZA, Eliane Glória dos Reis Silva e. **Capoeira Regional: Representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado de Oliveira. 2011.

TERRISSE, André *et al.*. **Le savoir combattre: essai d’élucidation**. Revue E.P.S. n° 252. Paris, 1995. p. 26-29.

THEEBOOM, Marc.; DE KNOP, Paul. Asian martial arts and approaches of instruction in physical education. **European Journal of Physical Education**, n. 4. 1999. p. 146-161.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre: **Movimento**, v. 13, n. 1, p. 179-204, janeiro/abril, 2007.

VALENTE, Francisco Luís Auricélio; GOVEIA, Jean Carlos de; PINTO, Guilherme Moreira Caetano; VARGAS, Leandro Martinez. Estudo sobre Huka-huka: uma luta de matriz indígena brasileira. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e-28608, 2022. DOI: 10.36453/cefe.2022.28608. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/28608>.

VERTONGHEN, Jikkemien. The social-psychological outcomes of martial arts practice among youth: A review. **Journal of Sports Science and Medicine**. n. 9, 2010. p. 528-537.

VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. In: DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil – atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2006. p. 924.

WETZLER, Sixt. Martial Arts Studies as Kulturwissenschaft: a possible theoretical framework. **Martial Arts Studies**, n. 1, v. 1, 2015. p. 20-33.